

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Uma agenda para reinvenção da biblioteca universitária

Leticia Strehl

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3323>

Submetido em: 2021-12-07

Postado em: 2021-12-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Uma agenda para reinvenção da biblioteca universitária: exercício estratégico e de ciência aberta¹

An agenda for reinventing the university library: a strategic and open science exercise

Por Letícia Strehl

<https://orcid.org/0000-0001-5452-9696>

Biblioteca Central. Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110 – Térreo da Reitoria – Prédio 12107

Campus Centro | Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil

CEP: 90046-900

leticia.strehl@ufrgs.br

Resumo

Se existe fato amplamente conhecido é o de que a tecnologia da informação transformou por completo nossas vidas nas últimas décadas. Esse ensaio apresenta uma agenda constituída de 8 ações para a reinvenção das bibliotecas universitárias considerando o impacto dessas mudanças não apenas na infraestrutura de produtos e serviços, mas também para considerar a revisão estratégica da missão de acesso às coleções da biblioteca tradicional em dois níveis: o acesso à informação para além de suas próprias coleções e a formação de competências informacionais. Essas missões serão identificadas no ensaio como uma reinvenção da biblioteca tradicional para passar a abrigar dentro de si, respectivamente, mais duas bibliotecas: uma tecnológica e outra educadora. As ações apresentadas na Agenda buscam mostrar como essa reinvenção é necessária para o efetivo cumprimento da função social das bibliotecas universitárias. A oitava e última ação faz um chamamento dos bibliotecários para a “Revolução”, em um processo de gestão participativa, que precisa ser iniciado de dentro para fora, tendo em vista a precarização de políticas públicas de investimento em bibliotecas. Conclui com um convite para que os bibliotecários compartilhem suas próprias Agendas como um exercício de gestão estratégica e de ciência aberta, utilizando um repositório de preprints como plataforma de produção e comunicação.

Palavras-chave:

Gestão estratégica de bibliotecas universitárias; Tecnologia da informação; Ciência aberta; Virtualização de acervos; Competência informacional; Cidadania.

Abstract

¹ Ensaio elaborado para apresentação na mesa redonda “As práticas tradicionais da biblioteca universitária versus demanda informacional das bibliotecas contemporâneas”, realizada na edição 2020/2021 do “XXI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias” em 08/12/2021.

Abstract

If there is a widely known fact, it is that information technology has completely transformed our lives in recent decades. This essay presents an agenda consisting of 8 actions for the reinvention of university libraries considering the impact of these changes not only on the infrastructure of products and services, but also to consider the strategic review of the access to the collections as mission in the traditional library at two levels: the information access beyond their own collections and the education for information literacy. These missions will be identified in the essay as a reinvention of the traditional library in order to consider, respectively, two more libraries: one technological and the other educational. The actions presented in the Agenda seek to show how this reinvention is necessary for the effective fulfillment of the social function of university libraries. The eighth and final action calls on librarians for the “Revolution”, in a process of participatory management, which needs to be started from the inside out, given the scarcity of public policies for investment in libraries. It concludes with an invitation for librarians to share their own Agendas as an exercise in strategic management and open science, using a preprint repository as a production and communication platform.

Keywords:

Strategic management of university libraries; Information Technology; Open science; Electronic collections; Informational literacy; Citizenship.

1 Introdução

As bibliotecas são popularmente conhecidas como templos do saber, são cercadas por uma aura celestial. Uma idealização que não encontra correspondência nos serviços prestados e investimentos concretos exigidos para que elas realmente possam funcionar. A questão aqui não é a energia emanada por uma série de livros acumulados e distribuídos em estantes, mas a ação de seu uso, dos pensamentos que se transformam pela leitura, da produção da comunidade atendida pela biblioteca em tal nível, que a biblioteca passa a fazer parte de um ecossistema de avanço do conhecimento em diferentes áreas. Essa biblioteca não é simbólica e seus recursos não são diáfanos.

A sobrevivência de uma biblioteca requer investimentos robustos em espaços, acervos e pessoal capacitado. Recursos que tornam a biblioteca um espaço atrativo, moderno, descontraído e confortável. Ninguém sai da zona de conforto da ignorância para a zona de guerra da aprendizagem lendo um livro mal escrito, sentado em uma cadeira que faz doer as costas e/ou sendo atendido por alguém que não compreende o que estamos realmente precisando.

Em sua versão amigável, a aprendizagem é surpreendente, linda e tranquila, acrescenta uma parcela de conhecimento ao que já estávamos prontos para compreender. Contudo, os

maiores saltos de conhecimento são aqueles que guardam grandes distâncias entre o ponto inicial conhecido e o final desconhecido, nos confrontam com informações que, por mais que tentemos, demoramos muito a compreender, nos frustram e, frequentemente, exigem o esforço de uma maratona (MURAKAMI, 2010).

Nossa história recente e os eventos que marcaram o enfrentamento da Pandemia por COVID-19 no Brasil nos mostram que a aprendizagem da cidadania por aqui está, infelizmente, no nível maratona. A falta de investimentos governamentais em bibliotecas é um dos sinais de políticas públicas deficientes em um nível amplo nas áreas de educação, cultura e ciência. São ausências do Estado que se transformam em raízes de nossa vulnerabilidade social.

A partir desta série de reclamações sofridas e amplamente conhecidas, vamos nós também sair do discurso diáfano para partir para a proposição de ações concretas, que serão pensadas a partir de duas perguntas direcionadas aos bibliotecários de nossas bibliotecas universitárias:

- O que podemos mudar com os recursos que temos?
- O que precisamos mudar para obter mais recursos?

As respostas a estas perguntas organizamos a seguir em forma de agenda de ações, restringindo a discussão ao contexto das bibliotecas universitárias para poder viabilizá-la. A primeira ação corresponde ao título deste texto. Nela apresentamos as definições necessárias para compreender o conjunto da Agenda. Assim, vamos lá!

2 Agenda

2.1 Reinventar a biblioteca universitária

Sobre o verbo: aquilo que foi inventado para cumprir uma **missão** precisa ser **reinventado** caso essa mesmíssima missão se transforme ao longo do tempo. Nossa premissa é a de que a tecnologia da informação transformou a missão da biblioteca universitária, exigindo uma reinvenção como segue.

A biblioteca universitária em seu sentido tradicional e histórico existe para atender às necessidades informacionais da comunidade universitária pelo desenvolvimento, organização e promoção de coleções importantes às atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas em suas instituições.

O poder da biblioteca tradicional estava em sua coleção e no conhecimento que sua equipe possuía dos serviços de compartilhamento de coleções que se estabeleciam entre as bibliotecas mundo afora.

A principal missão da biblioteca tradicional era possibilitar o acesso a coleções de bibliotecas com intenso trabalho manual na única dimensão analógica do mundo que existia

até então. Estamos falando do tempo em que a dimensão digital ainda não havia sido inventada.

Não precisaríamos dizer, mas vamos afirmar o óbvio: a tecnologia da informação mudou tudo! Especificamente, mudou as bibliotecas, que passaram a ser altamente tecnológicas, frequentemente formadas a partir de estruturas complexas e robustas, não apenas na dimensão analógica do mundo, mas também na digital. De modo amplíssimo, mudou os comportamentos das pessoas, que substituíram em grande medida os deslocamentos para a busca de informações nas ruas pela navegação na internet, principalmente, nesse aparelhinho chamado celular que carregamos junto ao corpo o dia todo.

Se esse tanto de coisa mudou no mundo, seriam as bibliotecas tradicionais a exceção e não precisariam mudar?

A mudança a que nos referimos não é apenas a da infraestrutura de produtos e serviços da biblioteca universitária tradicional, mas de sua missão, de modo que ela passe a abrigar dentro de si mais duas bibliotecas, que chamaremos de biblioteca tecnológica e biblioteca educadora. Essas duas bibliotecas se assomam à biblioteca tradicional para constituir de forma reinventada a biblioteca universitária como definiremos a seguir:

- a) na **biblioteca tecnológica**, a missão **do acesso à informação** precisa ser concebido em relação à coleção da biblioteca tradicional e para além dela, considerando, principalmente, as transformações promovidas com a virtualização das coleções e pela ciência aberta, esta última segue as diretrizes do Plano S (COALITION S, 2018) como referência de atuação. Assim, a biblioteca tecnológica se desenvolve para criar uma infraestrutura de informação agregando a coleção de itens físicos e digitais adquiridos com os inúmeros repositórios de publicações de acesso aberto, que tem se tornado cada vez mais o padrão de disponibilidade de informações. Além de agregar suas coleções às publicações de acesso aberto, as próprias bibliotecas são produtoras de repositórios digitais, contribuindo sobremaneira para a ampliação do acesso à produção científica desenvolvida nas universidades brasileiras.
- b) na **biblioteca educadora**, a função de promoção das coleções alcança um outro nível estratégico que, igualmente, para além das coleções da biblioteca tradicional, se constitui como a missão **de formação de competências informacionais e de promoção da leitura**. Essa missão é imprescindível, considerando que as dificuldades de acesso às informações vividas no mundo analógico transformaram-se em dificuldades de uso crítico e ético ocasionadas pela super circulação de informações no mundo digital. Super circulação de informações não somente verdadeiras, mas também falsas, que influenciam diretamente na forma como se manifestam as demandas informacionais dos usuários de bibliotecas universitárias. Um fenômeno que pode ser altamente positivo, quando a informação verdadeira e significativa possibilita a aceleração na produção de novos conhecimentos, ou altamente negativo, com consequências sociais devastadoras para as quais encontramos na Agenda 2030 (ONU, 2015) a referência de ação. Com isso, a biblioteca educadora possui uma atuação centrada na promoção de uma cultura de informação.

Em síntese, o que queremos destacar é que a biblioteca universitária no contexto das demandas informacionais contemporâneas cresceu. Ela passa a abarcar dentro de si, além da biblioteca tradicional voltada para suas coleções, as bibliotecas tecnológica e educadora, transcendendo o seu espaço e, portanto, se reinventando. Se as bibliotecas permanecerem como sempre foram, a importância das bibliotecas tenderá a diminuir pouco a pouco para dar espaço para algo que seria sua evolução, mas que ganharia outro nome porque as bibliotecas resistiram à mudança.

Feitas estas definições, seguimos a Agenda pela enumeração das demais ações propostas. Em alguns casos elas serão ilustradas com algumas experiências desenvolvidas no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2.2 Incorporar a gestão estratégica e participativa ao cotidiano da Biblioteca

Os sistemas de bibliotecas existem como recurso técnico e gerencial para potencializar a atuação de cada uma de suas bibliotecas. As ações e recursos compartilhados exigem políticas e procedimentos comuns construídos a partir do senso de coletividade e da disposição de formar consensos. A valorização do coletivo é tarefa árdua numa sociedade cada vez mais egoísta.

Na Administração, um elemento chave que explica a existência de divergências entre os membros de uma comunidade é a dificuldade natural de compartilhamento de informações que possibilitem a compreensão das inúmeras decisões envolvidas em uma gestão. Ao responsável por uma grande estrutura de produtos e serviços, que dispõe de recursos limitados, cabe a tarefa de eleger projetos prioritários, seja para o atendimento de demandas mais urgentes (hierarquização das prioridades), seja para o atendimento de demandas que são pré-requisito para desenvolver projetos importantes (encadeamento das prioridades).

Mesmo assumindo que as unanimidades são impossíveis, existem mecanismos de gestão capazes de dirimir divergências. Entre eles, estão:

- a) os processos eleitorais para definição dos mandatos, que possibilitam o franco debate técnico e gerencial para a busca de consensos (escolha democrática);
- b) os espaços abertos e colaborativos de trabalho, que dependem não apenas da existência de eleitores, mas de equipes que se disponham a trabalhar por soluções comuns (dinâmica de trabalho democrática).

Em grandes sistemas de bibliotecas, a dinâmica de trabalho democrática requer que se implemente uma rotina de capacitações e reuniões constantes, instaurando um ambiente de aprendizagem mútua com discussões voltadas para busca de soluções objetivas em substituição à infundável enumeração simples de problemas.

Além da disposição para colaborar, é necessário também que se utilizem ferramentas de gestão do conhecimento como ambientes virtuais de aprendizagem, manuais para a documentação de políticas e procedimentos desenvolvidos conjuntamente e tíquetes de

serviço que documentem as dúvidas e padronizem as soluções identificadas para os problemas reportados pela equipe.

A estrutura dos instrumentos de gestão é também um aspecto importante a ser considerado. Ela precisa estar alinhada aos planos de desenvolvimento institucional e de reitorado das respectivas universidades e deve ainda possibilitar um planejamento e avaliação amplos da atuação da biblioteca, considerando essa fase sensível de reconfiguração de missões (OLIVEIRA, 2009).

Os conteúdos do planejamento e avaliação das atividades podem ser pensados em **categorias** no sentido de permitir a gestão de:

- a) **processos contínuos de trabalho** para orientar a realização das atividades e melhorar o desempenho da biblioteca em relação à sua rotina e aos seus objetivos fundamentais: gestão, desenvolvimento de coleções, organização de coleções e disseminação de informações;
- b) **novos projetos** para repensar as atividades para criar soluções inovadoras para o enfrentamento dos desafios impostos às bibliotecas constantemente.

Esse último conjunto de atividades é particularmente sensível na fase de reinvenção, tendo em vista que as bibliotecas precisam dedicar muito tempo em projetos que possivelmente alterarão significativamente o seu fazer e as mudanças, como sabemos, são sempre difíceis. É esta dificuldade que buscamos superar com uma gestão conduzida com instrumentos bem desenvolvidos e com a colaboração entre equipes de trabalho.

2.3 Priorizar o desenvolvimento de coleções eletrônicas

O desenvolvimento de coleções eletrônicas nas bibliotecas universitárias encontra-se em estágios distintos dependendo do tipo de acervo: periódicos ou *e-books*. Para pensar a transição do impresso para o digital, evocamos novamente as duas categorias já utilizadas anteriormente, destacando que essa mudança envolve aspectos que podem ser considerados como sendo de infraestrutura e de cultura de informação. Nestes níveis, identificamos elementos que explicam a facilidade de incorporação de coleções de periódicos eletrônicos e a dificuldade em relação aos *e-books* nas bibliotecas universitárias brasileiras.

Para buscar soluções para os *e-books*, consideramos importante pensar como foi enfrentado o desafio da virtualização das coleções de periódicos, que, há 20 anos, contou com a criação de duas importantes infraestruturas de informação: o [Portal CAPES](#) e o [SciELO](#). Naquela época, a interrupção abrupta do envio dos fascículos impressos às bibliotecas revolucionou os hábitos de pesquisa por artigos até dos pesquisadores mais resistentes à tecnologia. Não havia saída, os periódicos impressos correntes não chegavam mais às bibliotecas: era adaptar-se ao acesso às coleções amplamente disponibilizadas no Portal CAPES e SciELO ou desatualizar-se.

No caso dos livros, observamos uma transição mais lenta. Isso ocorreu por vários motivos, sendo, talvez, o primeiro deles, de natureza cultural. Adaptar-nos à tela de um computador para ler um texto de 15 páginas corresponde a um esforço muito menor do que o exigido

para a leitura de 500 páginas. Assim, considera-se plausível que um leitor prefira ir até uma biblioteca para retirar um livro impresso por empréstimo do que ler por horas a fio na frente de um computador. O dilema de leitura entre duas escolhas inconvenientes ocorre porque:

- a) muitos usuários (seja por falta de recursos, seja por desconhecimento) ainda não descobriram que tablets, mas, mais especificamente, e-readers (kindle, kobo, etc.) permitem um conforto de leitura muito superior ao computador e, para alguns, inclusive, superior ao livro impresso;
- b) muitas empresas contratadas pelas bibliotecas para fornecer o acesso institucional às coleções de e-books limitam a leitura do texto em plataformas com DRM (Digital Rights Management). Plataformas com DRM são utilizadas para dificultar a distribuição indevida dos livros e preservar os direitos autorais. Contudo, frequentemente, elas impõem um controle tão severo, que limitam a leitura até mesmo para quem pagou para ler o livro. Acesso apenas on-line, plataformas que não se ajustam aos dispositivos móveis, limitação excessiva de usuários simultâneos, são exemplos de dificuldades que se impõe aos leitores de e-books de coleções de bibliotecas.

A esses aspectos identificados aqui como culturais relativos aos hábitos de leitura, adicionamos a existência de um outro elemento determinante: a precariedade da infraestrutura de coleções de e-books na imensa maioria das bibliotecas universitárias. [SciELO](#) e Portal CAPES possuem uma coleção muito menos exaustiva de e-books do que de periódicos. Sem contar com uma infraestrutura nacional, as coleções hoje disponibilizadas nas bibliotecas resultam de iniciativas individuais das instituições, que, tradicionalmente, são muito díspares em termos dos orçamentos que dispõem e da priorização de investimentos em bibliotecas. No Brasil (assim como no exterior), são as universidades mais desenvolvidas em pesquisa que costumam priorizar o investimento em bibliotecas.

Contudo, mesmo nas instituições com melhor infraestrutura, a contratação de e-books enfrenta desafios especiais para além da conhecida diminuição dos orçamentos do Ministério da Educação como um todo em anos recentes. Sobre esse desafio falaremos na próxima ação proposta.

2.4 Lutar por uma transformação nos modelos de negócio de e-books

Há uma reclamação geral mundo afora sobre o preço exorbitante dos e-books. No Brasil, contudo, enfrentamos algumas dificuldades adicionais nos modelos de negócio praticados para compra/assinatura de e-books em português:

- a) indisponibilidade eletrônica dos livros para acesso institucional: isso ocorre porque nem todos livros impressos têm versões e-books. E, além disso, nem todos os e-books vendidos em livrarias para clientes individuais possuem comercialização para acesso institucional;
- b) modalidade de contratação nem sempre adequada para o conteúdo das publicações: assinaturas de acesso imediato à última edição são ideais para e-books sobre assuntos que obsolescem muito rapidamente; compras perpétuas são ideais para

e-books que raramente ganham novas edições com alterações significativas de conteúdo. Contudo, nem sempre o modelo disponível é adequado ao conteúdo. Às vezes temos obras que obsoletam muito rapidamente comercializadas apenas como compra perpétua e e-books que raramente se desatualizam disponibilizados na modalidade assinatura;

- c) falta de flexibilidade no modelo de seleção de títulos, havendo frequentemente apenas uma opção: aquisição de pacotes (valor investido alto com preço mais acessível por título, mas nem sempre compatível com o recurso disponível) ou unicamente aquisição título a título com preço unitário frequentemente muito alto.

Neste contexto, entra na Agenda o enfrentamento da batalha para garantir o aperfeiçoamento e a popularização do acesso ao mercado brasileiro de e-books. Em outros setores temos exemplos bem sucedidos neste sentido. Na indústria do cinema e da música, o lucro passou a ser obtido com assinaturas a baixo custo e realizadas em grande escala, substituindo o alto preço título a título vendido a poucos clientes. Esses dois setores mostram que a popularização dos bens culturais pode sim ser um bom negócio.

O Brasil é um país carente de educação e de boas bibliotecas. Elitizar o acesso aos e-books traz consequências sociais danosas ao país e um efeito colateral danoso também para o mercado: sem acesso legal aos e-books, a pirataria floresce. Sabe-se que alterações de mercado não são simples, mas acredita-se que a colaboração entre os agentes de diferentes setores seja capaz de transformar a infraestrutura e a cultura de acesso aos e-books como instrumentos de transformação social, educacional e científica no Brasil.

2.5 Desenvolver repositórios institucionais abrangentes

Os repositórios institucionais são instrumentos importantes desta cultura mundial que passa a conceber o conhecimento como bem público comum. A nova cultura rompe com a tradição de séculos de publicações científicas acessíveis apenas por uma pequena parcela da população tendo em vista seus altos custos de aquisição. Hoje, aproximadamente, 38% das pesquisas científicas publicadas entre 2016 e 2020 estão acessíveis abertamente sem custo para o leitor (CLARIVATE, 2021).

Agentes importantes do movimento de acesso aberto à informação, as bibliotecas, antes acostumadas a desenvolver coleções importantes **para** sua comunidade universitária, passaram a desenvolver repositórios institucionais de acesso aberto para disponibilizar ao público em geral a produção feita **por** sua comunidade universitária.

No Brasil, no início dos anos 2000, uma série de iniciativas foram feitas para fomentar a criação de repositórios institucionais, que, via de regra, iniciaram com a disponibilização de TCCs, dissertações e teses defendidos em suas universidades.

Muitas bibliotecas expandiram seus repositórios para abarcar a produção intelectual de sua instituição da forma mais abrangente possível: artigos, eventos, livros de sua editora universitária, recursos educacionais, legislações, etc.

Ao batalharmos pela popularização do acesso às publicações comerciais, precisamos mostrar que nós também estamos fazendo nossa parte ao buscarmos ampliar o acesso à produção de nossa instituição pelos repositórios de acesso aberto que desenvolvemos.

Em caso de restrição severa de recursos, será que não podemos nos reunir e fazermos repositórios multi-institucionais? A RCAAP, iniciativa portuguesa, pode ser um exemplo de compartilhamento de estrutura de repositórios institucionais a servir de inspiração. Esse compartilhamento talvez seja uma solução que possamos pensar em desenvolver aqui no Brasil também.

2.6 Disponibilizar um recurso de busca integrada para acesso a diferentes coleções

O catálogo das coleções da biblioteca tradicional sempre se constituiu como um importante serviço para a satisfação das necessidades informacionais da comunidade usuária. Contudo, ao pensarmos na reinvenção da biblioteca para além de suas coleções, o catálogo não é suficiente. Nestas circunstâncias, percebemos como sendo fundamental a implementação de recursos de busca integrada que utilizam metadados de diferentes plataformas e repositórios de publicações eletrônicas. Esses serviços de descoberta, como são tecnicamente conhecidos, talvez se assemelham mais ao Google do que o próprio catálogo da biblioteca tradicional. E, em assim sendo, a pergunta que fica é:

- Por que precisamos investir no desenvolvimento de uma busca integrada se o Google Acadêmico já existe?

Pelo menos duas razões podem ser enumeradas para a adoção de um serviço de descoberta, considerando exatamente a tela de resultados do Google Acadêmico: o **acesso** e a **visibilidade** dos documentos importantes para uma comunidade universitária específica.

Quando analisamos uma lista de documentos recuperados no Google Acadêmico, percebemos que apenas uma parcela dos documentos está acessível abertamente. A outra parte, a maior parte, somente é acessível mediante o pagamento de caras assinaturas. Essas assinaturas quando realizadas pelo Portal CAPES ou pela própria Universidade ficam muitas vezes perdidas entre os resultados que o usuário não possui acesso por falta de investimento institucional. Essa situação gera frequentemente subutilização das assinaturas feitas pela biblioteca e tentativas frustradas de acesso no Google a coleções não contratadas.

O ordenamento dos resultados de pesquisa é outro aspecto importante quando adotamos um serviço de descoberta. Ao fazermos uma busca no Google Acadêmico, recuperamos frequentemente milhões de documentos. Destes, apenas uma pequena parcela nos chama a atenção ao serem visualizados nos primeiros resultados do Google. Um algoritmo que define a relevância dos documentos, mas que não necessariamente torna visível os documentos realmente mais importantes para um indivíduo específico.

A totalidade dos resultados pode ser vista como um grande iceberg, que pode manter submersa uma informação importante para um usuário. Com uma busca integrada desenvolvida pela biblioteca, é possível buscar dar visibilidade aos documentos que fazem parte dos planos de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, minimizando as chances de invisibilidade de coleções institucionalmente importantes.

A busca integrada valoriza os investimentos realizados em coleções eletrônicas e em repositórios institucionais, ações enumeradas anteriormente. Dessa forma, é um elemento fundamental da reinvenção quando permite que o usuário revise a literatura em um único lugar, mesmo desconhecendo as múltiplas plataformas existentes e disponibilizadas a ele pela universidade.

2.7 Promover formações em competência informacional como um serviço cotidiano da biblioteca

Quando incorporamos a educação para a competência informacional como missão básica da biblioteca universitária assumimos também uma meta importante :

-Extinguir a frase presente na introdução de vários TCCs das universidades: “Realizei essa pesquisa porque não existem trabalhos sobre esse assunto.”

Na biblioteca tradicional, nossa grande frustração ocorre quando falhamos ao dar acesso a uma publicação procurada por nosso usuário. Na biblioteca educadora, a sensação de derrota acontece quando um estudante ainda não transpôs para sua vida acadêmica o hábito de buscar tudo no Google, mesmo tendo acesso a inúmeras bases de dados extraordinárias muitas vezes.

O desconhecimento dos processos de revisão de literatura é uma falha central na formação de um estudante universitário, tendo em vista que o ensino superior é baseado em processos de ensino e aprendizagem de conhecimentos técnico-científicos marcados pela ruptura com o senso comum. Basicamente, aprendemos que as opiniões de pessoas perdem espaço para as evidências cientificamente produzidas no contexto das áreas específicas.

Mesmo sendo as áreas muito diferentes entre si, todas elas têm em comum o fato de que o conhecimento só é considerado realmente científico quando produzido a partir de um método. E por que o método é importante? Porque diferentemente de uma opinião compartilhada em redes sociais por simpatizantes daquela ideia, a importância do dado científico é verificável a medida que os novos remédios passam a efetivamente curar doenças, os novos materiais passam a efetivamente garantir construções mais seguras, novas partículas atômicas são descobertas, novas estrelas são identificadas como parte de nosso universo e assim por diante.

Essas descobertas científicas são relatadas na literatura e as bibliotecas são importantes recursos não apenas de acesso às publicações, mas de desenvolvimento de uma conduta ética e responsável de um profissional com relação ao domínio da literatura de sua área.

Neste ponto, destacamos que todas as ações anteriormente descritas como importantes para a criação de uma infraestrutura de informação apenas se tornam socialmente relevantes quando utilizadas pela comunidade universitária. As bibliotecas quando atuam diretamente na educação para a competência informacional auxiliam os estudantes a:

- a) compreender e analisar suas próprias necessidades informacionais;
- b) conhecer as diferentes bases de dados que indexam os assuntos e os tipos de documentos importantes para sua pesquisa;
- c) utilizar adequadamente as palavras-chave para recuperar a literatura relevante da área;
- d) saber acessar o texto completo das referências localizadas;
- e) utilizar gerenciadores de referência como método de estudo, agrupando leituras e anotações, e como método de escrita, auxiliando na correta apresentação de citações e referências.

A competência informacional também insere desafios importantes para os estudantes quando eles se tornam pesquisadores e, portanto, autores de publicações. Neste momento, eles precisam entender os processos de comunicação e avaliação científicas em diferentes níveis institucionais. Assim, as ações educativas auxiliam na tomada de decisões para a escolha dos canais de divulgação de resultados de pesquisa a utilizar, a compreensão das políticas de arquivamento de dados e artigos em repositórios institucionais e a utilização de redes sociais como estratégias para dar visibilidade à sua produção científica.

As atividades de formação de competências informacionais são um poderoso instrumento de engajamento das bibliotecas universitárias com suas comunidades. Sendo capazes de mobilizar, em grandes universidades, milhares de usuários. Essa missão torna a biblioteca um agente central de boas práticas acadêmicas.

2.8 Revolucionar a atuação bibliotecária pela colaboração

No prefácio da primeira edição de “Universidade Brasileira: reforma ou revolução?”, Florestan Fernandes (2020), em 1968, reflete sobre as mudanças necessárias à universidade brasileira e, como diz o título, as identifica como parte de um processo que poderia ganhar uma de duas denominações distintas, sendo chamado ou de reforma ou de revolução.

A categorização do processo de mudança em “reforma” ou em “revolução” depende das condições políticas que o insere, que, à época do texto, era a ditadura militar brasileira. Assim, Florestan Fernandes disse:

"A disposição coletiva para reformas sociais requer extenso desenvolvimento prévio da institucionalização do jogo político democrático. O reformismo exige, em outras palavras, uma sociedade de estrutura democrática e que tenha possibilidade de preservar ou de aperfeiçoar a ordem social existente por meio de ações coletivas, fundadas no consenso

da maioria, e imperativas. Como não existe democracia no Brasil, o reformismo, como expressão de movimentos econômicos, socioculturais ou políticos, não faz parte de uma tradição cultural e não tem viabilidade prática." (FERNANDES, 2020, p. 43)

Infelizmente, apesar de estarmos com um Governo eleito democraticamente e com uma Constituição Federal que comemora 33 anos de idade, percebemos uma imaturidade absoluta das instituições democráticas brasileiras. Instituições estas que permitem que projetos autocráticos sejam implementados num Estado que pode, conforme seu interesse, retirar garantias sociais da população, sendo, a maior delas, representada pela insegurança alimentar que volta a assombrar uma parte aterradora de nossa população.

Com essa liberdade de ação autocrática, retomamos às categorias propostas por Florestan Fernandes e percebemos que, sendo a educação e as bibliotecas partes fundamentais de um projeto libertário e, portanto, perigosos para aqueles que se sustentam a partir da submissão popular, as mudanças deverão ocorrer por revoluções. Para tal, é urgente que passemos a atuar de forma colaborativa e articulada.

Isso se faz necessário não apenas do ponto de vista de sobrevivência das bibliotecas, mas do ponto de vista social. Os processos de submissão em curso envolvem manipulação de informações. Quando os fatos estão em desacordo com a ideologia dominante, distorce-se os fatos, criando-se e disseminando-se com patrocínio, às vezes público, o que passamos a conhecer como informações falsas, ou, em inglês, fake news.

O movimento da ciência aberta nos mostra que as revoluções são possíveis, seus agentes vêm desmoronando os paradigmas que dominaram e elitizaram o acesso ao conhecimento científico por séculos. Verificamos que as transformações são lentas, mas são possíveis.

É importante que percebamos que os avanços da ciência aberta ocorreram graças ao desenvolvimento de uma nova geração de tecnologias formada por equipamentos, linguagens de programação e plataformas. Máquinas e softwares que ofereceram a infraestrutura para esta revolução. Mas não foi apenas isso. O movimento da ciência aberta também nos mostra que podemos criar uma nova cultura, pois foi a formação de inúmeras comunidades de desenvolvedores e usuários que criaram as máquinas e os softwares.

Entre as tantas dificuldades vividas, há esse recurso subutilizado que é o nosso poder de ação pela colaboração. Chegou o momento dos bibliotecários de bibliotecas universitárias passarem a atuar de forma articulada e, para tal, a questão que fica é: como vamos organizar a revolução?

3 Considerações finais

Duas estruturas estabelecidas de forma muito bem sucedida em nossa área podem servir de inspiração para que consigamos nos organizar em comunidades de colaboração e assim atuarmos no desenvolvimento de projetos para bibliotecas universitárias.

A primeira inspiração é a Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB) que, organizada em Grupos de Trabalhos (2021), tem promovido uma agenda consistente de pesquisa em diferentes áreas da Ciência da Informação. Uma estrutura semelhante a ser montada para o desenvolvimento de uma agenda de projetos para bibliotecas universitárias poderia ser uma solução importante para nos articularmos de forma colaborativa.

A segunda inspiração é a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), um exemplo a ser seguido sob diferentes aspectos: sua atuação socialmente relevante junto às populações, frequentemente localizadas nas periferias das cidades, sua organização nacional e sua capacidade de superar a falta de investimentos públicos, pois são bibliotecas, historicamente, ainda mais negligenciadas que as universitárias.

Concluimos este texto com um convite: compartilhe como comentário deste preprint sua “Agenda para Reinvenção de Bibliotecas Universitárias”. Vamos ampliar o exercício de gestão estratégica, vamos usar os recursos de comunicação desenvolvidos no âmbito da ciência aberta e, principalmente, vamos nos aproximar para a ação. Bibliotecários, uni-vos!

Referências

- ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Coordenações e Ementas de GT**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://ancib.org/coordenacoes-e-ementas-de-gt/>. Acesso em: 7 dez. 2021.
- CLARIVATE. **Web of Science**. London, 2021. Disponível em: <https://www.webofscience.com/>. Acesso em: 6 dez. 2021.
- COALITION S. “**Plan S**” and “**cOAlition S**”: **accelerating the transition to full and immediate Open Access to scientific publications**. Strasbourg, 2018. Disponível em: <https://www.coalition-s.org/>. Acesso em: 2 dez. 2021.
- FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?** São Paulo: Expressão popular, 2020.
- MURAKAMI, Haruki. **Do que eu falo quando falo de corrida**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2010.
- OLIVEIRA, Djalma de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 26. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 2 dez. 2021.

Declarações

Declaro que as informações aqui apresentadas são de minha autoria e que inexistem qualquer conflito de interesse a ser declarado em relação ao texto.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.